

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

**“PORQUE O MAIOR MEDO DE UMA MULHER...”: O TERROR VIVIDO PELA MULHER  
BRASILEIRA POR MEIO DE “OS PORCOS” E “O CASO DE RUTH”, DE JÚLIA LOPES DE  
ALMEIDA, E “BRASIL”, DE ELIANE POTIGUARA**

Julia de Souza Lopes<sup>1</sup>

Leticia dos Montes Melo<sup>2</sup>

Phablo Roberto Marchis Fachin<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta, a partir de teorias da literatura comparada, a análise comparativa de dois contos de Júlia Lopes de Almeida, “Os porcos”, e “O caso de Ruth”, ambos de 1903, e um poema de Eliane Potiguara, “Brasil”, de 2018, de forma a traçar paralelos entre a literatura de horror, a combativa, a feminina e a literatura indígena, produzidas no Brasil, além de discutir a violência sofrida pela mulher brasileira e a existência da Literatura como um elemento central para a combatividade de povos oprimidos.

**Palavras-chave:** Literatura de horror. Literatura feminina. Literatura indígena. Literatura brasileira comparada.

**“BECAUSE A WOMAN’S BIGGEST FEAR...”: THE TERROR EXPERIENCED BY BRAZILIAN  
WOMEN THROUGH “OS PORCOS” AND “O CASO DE RUTH”, BY JÚLIA LOPES DE ALMEIDA  
AND “BRASIL”, BY ELIANE POTIGUARA**

**Abstract:** This article presents, based on theories of comparative literature, the comparative analysis of two tales by Júlia Lopes de Almeida, “Os porcos” and “O caso de Ruth”, both from 1903, and a poem by Eliane Potiguara, “Brasil”, from 2018, in order to outline parallels between

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.  
<https://orcid.org/0009-0000-9600-912X>. Contato: julia.lopes14@usp.br

<sup>2</sup> Graduação em Letras - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.  
<https://orcid.org/0009-0009-7520-9937>. Contato: leticiamontes@usp.br

<sup>3</sup> Professor Assistente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.  
<https://orcid.org/0000-0002-2283-3906>. Contato: phablo@usp.br

# criação & crítica

Nº39

horror literature, combative literature, women's literature and indigenous literature, produced in Brazil, in addition to discussing the violence suffered by Brazilian women and the existence of Literature as a central element for the combativeness of oppressed peoples.

**Keywords:** Horror literature. Women's literature. Indigenous literature. Comparative Brazilian literature.

## Introdução

O gênero literário horror foi durante muito tempo associado à literatura fantástica, com personagens inumanos e com dons especiais, como *Drácula*, de Bram Stoker, um dos fundadores do gênero, e como *Frankenstein*, de Mary Shelley (Rocque e Teixeira, 2001). Entretanto, na Literatura Brasileira, o gênero foi popularizado com *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, um livro que reúne contos de terror mais voltados para a realidade, sem personagens fantásticos, mas com situações dúbias, carregadas com a temática da morte, um romance gótico (Silva, 2015).

O histórico da Literatura de Horror no Brasil foi recentemente traçado por Nestarez (2022), na sua tese de doutorado intitulada "Uma história da Literatura de Horror no Brasil: fundamentos e autorias", na qual demonstra a influência do escritor Edgar Allan Poe nos escritores brasileiros e traça os principais do gênero: o primeiro, Álvares de Azevedo; os seguintes, ainda do entresséculos, Fagundes Varela, com o conto "A Guarida de Pedra", de 1861; Machado de Assis, com os contos "A Vida Eterna", de 1870, e "A Causa Secreta", de 1885; Aluísio Azevedo, com os contos "Demônios" de 1891; Inglês de Sousa, com o conto "Acauã", de 1893; Julia Lopes de Almeida, com o conto "Os Porcos" de 1903; João do Rio com o conto "A Peste", de 1910, e Moacyr de Abreu, com o conto "Os três círios do triângulo da morte", de 1922.

Para além dos autores que marcaram a Literatura de Horror no Brasil, majoritariamente homens, há, como foi bem citada por Nestarez, Júlia Lopes de Almeida, uma escritora do entresséculos XIX-XX. A escritora, assim como Álvares de Azevedo, trazia uma temática mais realista para seus contos de horror, porém,

# criação & crítica

Nº39

utilizava-se de personagens femininas e a partir delas evidenciava a violência contra a mulher no Brasil dos séculos XIX-XX.

Sabe-se que a violência contra a mulher está presente na sociedade brasileira desde o achamento, em 1500, sendo as mulheres indígenas as primeiras a terem sofrido física e psicologicamente por serem mulheres. Esse tipo de violência representa o passado e o presente e, por esse motivo, é um tema que se apresenta como algo a ser levantado e debatido sob diferentes perspectivas, neste caso, por meio da literatura de horror, combativa, feminina e indígena, produzidas no Brasil.

Partindo do pressuposto de que a ideia de intertextualidade está presente no ensino das Letras desde a educação básica e se perpetua no imaginário popular como uma relação entre dois ou mais textos, neste artigo busca-se explorar a relação entre “Os porcos”, “O caso de Ruth”, de Julia Lopes de Almeida, e o poema “Brasil”, de Eliane Potiguara. De acordo com Kristeva, “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um em outro” (Kristeva, 2008, p. 16). Dessa forma,

nascem uns dos outros; influenciam uns aos outros, segundo o princípio de uma geração não espontânea; ao mesmo tempo não há nunca uma reprodução pura e simples ou adoção plena. A retomada de um texto existente pode ser aleatória ou consentida, vaga lembrança, homenagem explícita ou ainda submissão a um modelo, subversão do cânon ou inspiração voluntária (Samoyault, 2008).

Assim, procurou-se a relação entre os textos em questão, considerando também que se trata de composições consideradas não-canônicas, reforçando o caráter crítico do estudo em curso, uma vez que, de acordo com Coutinho (1996, p. 70), a “questão do cânone” é uma instância vital da luta contra o eurocentrismo no meio acadêmico, e que também pode se expandir para o ambiente do gênero, da raça e da classe. Coutinho ainda afirma que

# criação & crítica

Nº39

a questão do cânone (...) se estende desde a exclusão de uma produção literária vigorosa oriunda de grupos minoritários, nos centros hegemônicos, e do abafamento de uma tradição literária significativa (...), até problemas relativos à especificidade ou não do elemento literário. (Coutinho, 1996, p. 70).

Júlia Lopes de Almeida, excluída do cânone literário apesar de sua numerosa e relevante produção literária, vem lentamente sendo inserida na academia por meio dos esforços de novas pesquisadoras e de atos como a inserção de seus romances nos principais vestibulares do país, como a COMVEST, da Unicamp, e a Fuvest, da USP. Eliane Potiguara, em contrapartida, apesar de sua contemporaneidade e de seus inúmeros méritos, permanece às margens de muitas discussões acadêmicas acerca da questão do cânone literário.

Dessa maneira, conectar Júlia Lopes de Almeida e Eliane Potiguara, e compará-las, é uma forma de, para além de trazer à tona seus escritos, questionar as razões que causaram o apagamento de Eliane, uma mulher indígena, lado a lado com o recente alumbramento de Júlia, uma mulher branca, diante da semelhança de temáticas nos contos e no poema.

O desenvolvimento deste artigo se estrutura em cinco tópicos. A princípio, apresenta-se a comparação entre a violência de gênero presente na época de Júlia Lopes de Almeida, o século XIX e o início do século XX, e a violência de gênero na atualidade. Pretende-se ainda evidenciar a importância da Literatura como forma de combate às privações dos direitos humanos e, a partir dessas relações, trazer à tona dois contos de horror da escritora brasileira Júlia Lopes de Almeida, “Os porcos”, e “O Caso de Ruth”, ambos de 1903, de forma a categorizá-los enquanto contos nesse gênero literário que discute a realidade da violência de gênero. Além disso, concatenando elementos da intertextualidade com o poema “Brasil”, da escritora indígena Eliane Potiguara, do século XXI. Dessa forma, se entrelaçarão a literatura de horror, a violência contra a mulher e a relevância de Júlia Lopes de Almeida e de Eliane Potiguara na atualidade.

## **Violência contra a mulher no Brasil: passado e presente**

Pode-se afirmar que, desde 1500, a mulher brasileira sofre. Primeiro as indígenas, escravizadas por colonizadores brancos, foram “capturadas para o trabalho agrícola, para a gestação de crianças e para o cativo doméstico” (Ribeiro, 1995, p. 100); a mulher do século XIX, 300 anos depois da indígena escravizada, sofreu diferentes tipos de violência, como a objetificação e a negação de seu ser como uma cidadã plena de direitos, sendo seu espaço destinado ao de esposa e de mãe (Holanda, 2005); a mulher brasileira do século XX conseguiu, depois de muita luta, ter direito ao voto, com a Constituição de 1934, contudo, essa inclusão não alterou o fato de que a mulher precisava de autorização do marido para trabalhar e de que ela não possuía direito à herança. Essas condições se alteraram apenas em 1962, com a lei 4.212/1962 e com a Constituição de 1988, na qual a mulher passou a ser uma cidadã completa e conquistou os mesmos direitos que o homem (Vigano, 2019), apesar de seguir sofrendo violência de gênero. Por fim, a mulher da atualidade, no século XXI, continua sendo explorada, seja com a dupla jornada de trabalho, seja com os estupros e feminicídios que a cerca por todos os lados.

Com o avanço da tecnologia e do interesse em coletar dados sobre a realidade das mulheres, houve melhora nas informações da violência vivida pelo gênero feminino. As pesquisadoras Vigano e Laffin em *Mulher, Políticas Públicas e Combate à Violência de Gênero* trouxeram dados essenciais e acessíveis em formato de tabela para facilitar a compreensão da violência vivida pela mulher em 2012. Segue abaixo tabela produzida pelas pesquisadoras supracitadas:

**Tabela 1:** Tipos de Violências Sofridas pelas Mulheres no Brasil

Tipo de Violência	Total	Percentual
Total	88.668	100
Violência física	50.236	56,6
Violência psicológica	24.478	27,6
Violência moral	10.372	11,7
Violência sexual	1.686	1,9
Violência patrimonial	1.426	1,6
Cárcere privado	430	0,4
Tráfico internacional de pessoas	21	0,1
Tráfico interno de pessoas	19	0,1

Fonte: Mulher, Políticas Públicas e Combate à Violência de Gênero, de Vigano e Laffin. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/Sy6nh8bjBhKTxpTgGmLhbtL/?lang=pt&format=html>

Para este trabalho foram feitas buscas no site da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) acerca de dados que documentam a violência contra a mulher indígena especificamente, mas não houve resultados; isso mostra que ainda há muito que ser feito acerca do conhecimento das verdadeiras estatísticas da violência contra a mulher indígena, o que viabiliza a criação de mais políticas públicas de proteção a essa camada social.

Assim, se verifica que a violência sofrida pela mulher pode ser encontrada em diversos formatos e em todos os meios. Segundo Foucault (2003, p. 232), “as relações de poder (...) abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de existência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência”. Dessa maneira, uma das formas de resistência que se manifesta contra a perpetuação da violência contra a mulher é a produção de Literatura.

# criação & crítica

Nº39

## Literatura combativa e de terror em contraste com o sofrimento da mulher: Júlia Lopes de Almeida e Eliane Potiguara

A literatura tem demonstrado um papel fundamental na discussão acerca da violência de gênero. Ao longo dos séculos, inúmeras autoras trouxeram o tema a debate por meio da literatura que produziam, a exemplo de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti e Conceição Evaristo. Essas escritoras, que produziram literatura durante os séculos XX e XXI, já faziam parte de um mundo em mudança, e de uma sociedade que já começava a encarar a violência de gênero como um tema a ser amplamente discutido. Entretanto, em séculos anteriores, já havia uma gama de autoras que produziram literatura de caráter combativo à violência de gênero. É nesse cenário em que se encontra Júlia Lopes de Almeida.

Nascida em 24 de setembro de 1862 no Rio de Janeiro, onde também faleceu, em 1934, a escritora ganhou grande influência no meio literário a partir da publicação de seus muitos romances, contos, ensaios, dramas, livros infantis e artigos para periódicos. Sua literatura apresentava grande caráter satírico, mas também explorava temas como a crítica à burguesia na Belle Époque Brasileira e elementos do discurso feminista e abolicionista. Almeida foi uma voz para a emancipação feminina em sua época, trazendo em seus escritos inúmeras evidências de tal feito.

Já Eliane Potiguara<sup>4</sup> nasceu em 1950, no Rio de Janeiro, e formou-se em Letras e Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). De origem potiguara, fundou a primeira organização de mulheres indígenas do mundo, o Grupo Mulher-Educação Indígena (GRUMIN), e é co-participante da criação e do desenvolvimento do Movimento Indígena Brasileiro. Em 1988, foi eleita uma das 10 mulheres do ano no Brasil, participou da elaboração da Declaração Universal dos Direitos Indígenas na ONU, em Genebra, além de ser escritora premiada pelo Pen Club da Inglaterra pelo livro *A Terra é a Mãe de Índio*. Tornou-se também embaixadora da Paz pelo Círculo de poetas e escritores da França e Suíça.

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.elianepotiguara.org.br/>.

# criação & crítica

Nº39

Júlia Lopes de Almeida e Eliane Potiguara representam cenários diferentes da história do Brasil, mas, em suas literaturas, suas temáticas conversam entre si e encontram-se num ponto em comum: o lugar da mulher na sociedade e a violência que essa mulher sofre, para além de suas diferenças temporais, sociais e raciais.

Partindo de duas perspectivas diferentes, visto que Júlia Lopes de Almeida era uma mulher branca do século XIX, e que Eliane Potiguara é uma mulher indígena do século XXI, “Os porcos”, “O caso de Ruth” e “Brasil”, separados por 115 anos de existência, são textos que escolhem concentrar-se no sofrimento da mulher, e em especial da indígena, e em suas implicações. A abordagem de terror grotesca de Júlia Lopes de Almeida contrasta com a abordagem poética e esperançosa de Eliane Potiguara, mas nas três obras há marcas de violência, opressão e repressão a mulheres.

Segundo Antonio Candido, “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (1977, p. 243). Assim, a literatura pode ser percebida como um elemento de combate, nesse caso um combate à violência da mulher, e é o que esse artigo procura alcançar por meio da análise comparativa entre as obras em questão, mas não só isso, buscando também alumbrar Júlia Lopes de Almeida e Eliane Potiguara no contexto da literatura não-canônica.

## O horror e a violência contra a mulher na Literatura Brasileira do entresséculos XIX-XX: “Os porcos” e “O caso de Ruth”

“– É isto a minha vida. Cedi sem amor, pela violência; mas cedi.”  
(“O caso de Ruth”. In: *Ânsia Eterna*. 2 ed. p. 34).

“Ninguém pode fugir ao seu destino, diziam todos; estaria então escrito que a sua sorte fosse essa que o pai lhe prometia – de matar a fome aos porcos com a carne da sua carne,

# criação & crítica

Nº39

o sangue do seu sangue?!”

(“Os porcos”. In: *Ânsia Eterna*. 2 ed. p. 45).

No conto de horror “Os porcos”, publicado originalmente em 1903, Julia Lopes de Almeida denuncia o horror e a violência vivida por Umbelina, uma cabocla, termo definido por Darcy Ribeiro (1995), em *O Povo Brasileiro*, como filhos de brancos com indígenas. Nesse conto, Umbelina narra os acontecimentos de sua vida para situar o leitor, descreve sua aparência: “[...] achavam-na todos bonita, no seu tipo de índia, principalmente aos domingos, quando se enfeitava com as maravilhas vermelhas, que lhe davam colorido à pele bronzada e a vestiam toda com um cheiro doce e modesto” (Almeida, 2019 [1903], p. 42); descreve que engravidou do “filho do patrão” (Almeida, 2019 [1903], p.42) e vive uma gravidez turbulenta, sendo surrada pelo pai e vivendo em constante medo de que ele cumprisse a promessa de “que daria o neto aos porcos para que o comessem.” (Almeida, 2019 [1903], p. 41).

O conto avança com Umbelina planejando o tipo de morte que daria ao filho para fugir da morte pelos porcos, procurava a morte para seu filho “duma maneira menos degradante e menos cruel” (Almeida, 2019 [1903], p. 42). Segue-se uma passagem narrada por Umbelina com elementos descritivos que remetem ao grotesco:

Ninguém pode fugir ao seu destino, diziam todos; estaria então escrito que a sua sorte fosse essa que o pai lhe prometia — de matar a fome aos porcos com a carne da sua carne, o sangue do seu sangue?! (Almeida, 2019 [1903], p. 42).

Umbelina, com medo dessa ameaça, decide ir ter o filho na porta da casa do patrão. Ela tenta atravessar a distância entre sua casa e o casarão, mas começa a sentir as dores do parto e embaixo de uma figueira dá a luz, mas evita olhar o filho “com medo de o amar...” (Almeida, 2019 [1903], p.45). Com o prosseguimento do

conto ocorre a catástrofe, Umbelina já sem forças, prestes a morrer, percebe uma criatura ao seu redor, era uma porca, e não consegue impedir a morte que a assombrou durante a gestação, pois vê o filho “pendurado nos dentes, destacando-se isolada e medonha naquela imensa vastidão cor-de-rosa”. (Almeida, 2019 [1903], p. 46).

Para além da violência contra a mulher pobre e indígena, Júlia Lopes de Almeida escreveu o conto “O Caso de Ruth”, um conto que retrata a violência vivida por uma jovem mulher burguesa, a Ruth, neta de um barão, noiva de um rapaz apaixonado chamado Eduardo Jordão. O conto se inicia com o Eduardo narrando a estrutura familiar de Ruth e o recato da jovem, que a avó baronesa dizia ser “pura demais” (Almeida, 2019 [1903], p. 27) e que pensava ter feito “voto de castidade” (Almeida, 2019 [1903], p. 28), mas que provavelmente passaria, era a falta do padrasto, “um santo homem!” (Almeida, 2019 [1903], p. 28). Após a narração de Eduardo acerca da família e da descrição de Ruth como frágil e quieta, há uma reviravolta: Ruth confessa que não é pura, que quando tinha 15 anos seu padrasto a estuprou e “No fim de quatro meses de uma vida de luxúria infernal, ele morreu.” (Almeida, 2019 [1903], p. 31). Ruth possui um discurso inflamado, é uma mulher violentada e revoltada: “Que libertação, que alegria que foi aquela morte para a minha alma de menina ultrajada!” (Almeida, 2019 [1903], p. 31). Ao final de seu discurso, Ruth libera Eduardo de seu compromisso: “É isto a minha vida. Cedi sem amor, pela violência, mas cedi. Dou-lhe a liberdade de restituir a sua palavra à minha família” (Almeida, 2019 [1903], p. 31). Eduardo pensa a respeito, mas escreve a Ruth: “Que esquecesse o passado... ele amava-a... o tempo apagaria essa ideia, e eles seriam felizes, completamente felizes” (Almeida, 2019 [1903], p. 33). Essa carta a revolta: “Relia devagar a carta do noivo, em que o perdão que ela não solicitara vinha envolvido em promessas de esquecimento. Esquecimento! como se fosse coisa que se pudesse prometer!” (Almeida, 2019 [1903], p. 33). A catástrofe ocorre com o suicídio de Ruth antes do casamento, mas não há alívio ao leitor, visto que Ruth é

# criação & crítica

Nº39

destinada à eternidade com o padrasto, “no mesmo jazigo” (Almeida, 2019 [1903], p. 34).

Assim, os contos “Os Porcos” e “O Caso de Ruth” evidenciam a violência contra a mulher e carregam a estética do horror, definida por Lucas, em *Para além do pesadelo: a procura por uma dramaturgia de terror no teatro*, como sendo o gênero

pensado para designar produções artísticas que utilizam o medo como princípio para a articulação de sentimentos que operam concomitantes a ele, ao exemplo do asco, da repulsa, do desagrado, do desconforto, do arrepio, do nojo, do pavor, etc., inseridos em uma estética negativa que permite a abordagem de temas carregados de tabus como a violência, a maldade e, principalmente, a morte. (Lucas, 2020, p. 6)

Trazem, dessa forma, a temática de violência física e psicológica que resultam em morte, de uma maneira grotesca e repulsiva, despertando o desconforto no leitor.

## “Não sou violência ou estupro”: análise do poema “Brasil”

Para traçar a intertextualidade entre os contos e o poema, é necessário realizar uma análise do poema “Brasil”, levando em consideração que não se encontraram análises anteriores do texto em questão. Para tanto, segue abaixo o poema, a ser analisado, na íntegra.

### Brasil

Que faço com a minha cara de índia?

E	meus	cabelos
E	minhas	rugas

# criação & crítica

Nº39

E minha história

E meus segredos?

Que faço com a minha cara de índia?

E meus espíritos

E minha força

E meu tupã

E meus círculos?

Que faço com a minha cara de índia?

E meu Toré

E meu sagrado

E meus "cabocos"

E minha Terra?

Que faço com a minha cara de índia?

E meu sangue

E minha consciência

E minha luta

E nossos filhos?

Brasil, o que faço com a minha cara de índia?

Não sou violência

Ou estupro

# criação & crítica

Nº39

Eu sou história  
Eu sou cunhã  
Barriga brasileira  
Ventre sagrado  
Povo brasileiro

Ventre que gerou  
O povo brasileiro

Hoje está só...  
A barriga da mãe fecunda  
E os cânticos que outrora cantavam  
Hoje são gritos de guerra  
Contra o massacre imundo

(Disponível em: Potiguara, 2018, p. 32-33.)

“Brasil” foi publicado no livro *Metade cara, metade máscara*, de Eliane Potiguara, em 2018. Presente no capítulo “Invasão às terras indígenas e a migração”, é o primeiro poema da seleção, contendo treze estrofes e trinta e cinco versos livres.

Literatura indígena é, segundo Munduruku (2018), uma literatura “[...] comprometida com a conscientização da sociedade brasileira sobre os valores que os povos originários carregam consigo apesar dos cinco séculos de colonização”. É um texto que apresenta temática indígena e autoria de escritores indígenas. No livro *Nós: uma antologia de literatura indígena*, Maurício Negro (2019), organizador e ilustrador da obra, diz que “A chamada literatura indígena carrega esse desejo profundo de reatar e fortalecer os laços entre todos nós, de uma sabedoria antiga, cujos ecos ainda estão por aí pedindo reforço em palavras e imagens” (Negro, 2019, p. 11). A literatura

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

indígena é, portanto, porta-voz da luta indígena sob a perspectiva do próprio indígena, e tem o objetivo de mostrar ao público esses valores e essa “sabedoria antiga” a qual Munduruku e Negro se referem.

O poema “Brasil” apresenta cinco estrofes de um único verso no qual há a repetição das palavras “Que faço com a minha cara de índia?”. Esse reforço é intercalado com elementos que compõem características físicas, religiosas, relacionadas ao ambiente e históricas dos povos indígenas, tais como os espíritos, o tupã, o Toré, a Terra, a luta e a violência.

Com um eu lírico feminino, o poema alude à maternidade, traçando um paralelo com a maternidade da nação brasileira, que gera seus filhos, os brasileiros: “Barriga brasileira / Ventre sagrado / Povo brasileiro / Ventre que gerou / O povo brasileiro / Hoje está só... / A barriga da mãe fecunda (...)”. Esse eu lírico também aborda a violência contra a mulher, e em especial o estupro, nos versos “Não sou violência / ou estupro”. Esse paralelo entre a maternidade e a violência reforça a vivência da mulher indígena, e uma realidade à qual ela foi submetida por séculos, cujos efeitos ainda respingam na atualidade.

“Brasil” é, portanto, um poema que encapsula a luta dos povos indígenas ao descrever a riqueza de suas tradições e a beleza de sua história, em contraste com o “massacre imundo” que as permeou, sob a ótica da mulher indígena que gesta, “com seu ventre sagrado”, tal qual o país que é mãe de seu povo, a “barriga brasileira”.

## **O entrelaçamento do horror e da violência contra a mulher em “Os porcos”, “O caso de Ruth” e “Brasil”**

Levando em consideração que o gênero de horror é pensado como uma “estética negativa que permite a abordagem de temas carregados de tabus como a violência, a maldade e, principalmente, a morte” (Lucas, 2020, p. 6), “Os porcos” é um conto que permeia, sobretudo, a violência contra a mulher indígena grávida e

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

abandonada e os horrores vividos por Umbelina, uma mulher, sem oportunidade de escape. É um conto de horror que apela para a crueza de suas descrições a fim de causar desconforto e repulsa no leitor, mesmo que sem utilizar elementos fantásticos.

Algo semelhante ocorre em “O caso de Ruth”, no qual Ruth, a quem todos viam como pura e virginal, guardava em segredo o estupro que sofreu do padrasto aos quinze anos e, às vésperas de seu casamento, comete suicídio devido à vergonha e à incompreensão do que lhe ocorreu.

Já no poema “Brasil”, explicita-se a luta da mulher indígena no passado e no presente por meio da imagem da violência, mas não só, como também da cultura e da tradição. Voltando-se para uma ponte entre a “cara de índia” dessa mulher e o passado de violência e estupro que a estigmatiza, termina com a mensagem de esperança de que a resistência dos povos indígenas representa o grito de guerra contra esse massacre histórico.

Nos contos e no poema há o horror porque há o grotesco, a repulsa e a violência contra a mulher. Os elementos de violência física nos contos são sintetizados no poema, visto que a dor do parto de Umbelina e o estupro de Ruth aparecem no canto da Indígena. Já quanto à violência psicológica, há a ameaça feita pelo pai de Umbelina, que iria dar o bebê como comida aos porcos, e há o desengano amoroso, pois Umbelina se sentia trocada porque o filho do patrão, que “iria se casar com outra!” (Almeida, 2019 [1903], p. 42). Para Ruth, a violência psicológica se manifesta no fato de que ela guardou o segredo de seu estupro para não manchar a imagem santa que a avó e a mãe tinham do padrasto e, no poema, a indígena que canta para sua identidade perdida, em “O que faço com minha cara de índia?”. Para além da ameaça sofrida por Umbelina, o segredo guardado por Ruth e a questão da identidade da indígena, a violência psicológica sofrida pela mulher é também marcada pelo abandono e desamparo: abandono de Umbelina, largada pelo amante, rechaçada pelo pai; abandono e desamparo de Ruth que, ao confessar seu estupro para o noivo, foi perdoada, como se ela fosse a culpada, e o abandono e desamparo da indígena, sem sua terra ancestral, sem seu povo, sem si mesma.

Outra característica acerca do abandono e desamparo é a relação perdida das personagens com a entidade superior. Em “Os porcos”, Umbelina clama olhando para os céus: “Onde se esconderia o grande Deus, divinamente misericordioso, de quem o padre falava na missa do arraial [...]?” (Almeida, 2019 [1903], p. 42); em “O Caso de Ruth”, não há uma súplica direta a Deus, mas há elementos religiosos, como a mãe de Ruth a mandando “rezar por sua alma, a mim, que a quero no inferno!” (Almeida, 2019 [1903], p. 31); já no poema, há, na 4ª estrofe, “E meus espíritos/E minha força/E meu tupã/E meus círculos?”, ou seja, o desencontro com Tupã.

A violência contra a mulher se expressa nos contos selecionados de Júlia Lopes de Almeida e no poema de Eliane Potiguara no modo como essa violência é constituída esteticamente; nas obras de Almeida, no gênero literário de horror, por se utilizarem do grotesco para conduzir as reviravoltas da narrativa; no poema de Potiguara, apesar de a obra não ser esteticamente construída com base no horror, há elementos do grotesco com a violência vivida pela mulher, o que representa um motivador da luta indígena dentro da Literatura, logo, um motivador da razão pela qual a escritora precisa ser alumbrada.

## **Considerações finais**

A violência contra a mulher é, simultaneamente, um tema amplamente divulgado e precariamente discutido. Mesmo diante de inúmeros movimentos em prol dos direitos das mulheres no Brasil, a partir do avanço dos movimentos feministas, ainda há muito trabalho a ser feito, em particular quando se trata de violência contra mulheres que fazem parte de um grupo social marginalizado e minoritário, como é o caso das mulheres indígenas.

Nos contos comparados neste artigo, a violência contra a mulher é um elemento central para a constituição da narrativa de horror, e contém os elementos fundamentais que caracterizam um texto como parte desse gênero literário.

# criação & crítica

Nº39

Entretanto, no poema de Potiguara, o horror da violência contra a mulher indígena extrapola o limite da narrativa de horror e torna-se uma realidade factual das mulheres indígenas no passado e no presente.

No título deste artigo, a escolha da expressão “Porque o maior medo de uma mulher...”, aludindo ao medo de sofrer alguma violência, seja ela psicológica ou física, deu-se em função de que as mulheres, desde o início da formação da sociedade brasileira, sofrem com as consequências de viver em uma sociedade patriarcal que lhes tira a voz e os direitos, tal qual a perda do direito de escolha de Umbelina em relação ao destino de seu próprio filho em “Os porcos”, e a chance de Ruth recuperar-se de seus traumas envolvendo a violência sexual que sofrera em “O caso de Ruth”. Essas duas mulheres, representadas por Júlia Lopes de Almeida, eram reflexos da época de sua autora, na qual as mulheres tinham ainda menos respeitabilidade social e emancipação que na contemporaneidade. Em contraste com Umbelina e Ruth, há o eu-lírico de Eliane Potiguara no poema “Brasil”, que, ao resgatar a cultura e a tradição indígena, não escapa de lembrar a violência contra as mulheres indígenas que está marcada na história do Brasil desde o achamento. O medo da violência está indiscutivelmente na história da mulher brasileira.

A literatura de horror é, tal qual a Literatura em geral, marcada por uma supremacia masculina. Essa supremacia pode ser combatida ao trazer à tona escritos de escritoras mulheres que, em suas épocas, já lutavam a favor do direito de escrever e publicar, fazendo da própria literatura um meio de propagar as suas opiniões políticas, as suas queixas e os seus anseios. Encontrar elementos que alumbram e discutem a violência contra a mulher em uma obra literária de horror escrita por mulher é também uma forma de identificar que a Literatura é uma forma de combater toda forma de apagamento social ao penetrar em ambientes que não são tradicionalmente pensados para esses grupos sociais minoritários.

Engendrar na Literatura de Horror de Júlia Lopes de Almeida é, dessa forma, uma maneira de também discutir a violência contra a mulher em diversas facetas de raça e classe e, portanto, de fazer com que o grito de Eliane Potiguara, uma mulher

indígena, seja ouvido para além dos limites de sua própria literatura, e seja pesquisado como parte da história do Brasil e como um elemento formador no histórico das mulheres do país, ou seja, como um impulsionador para que a luta de Júlia e a luta de Eliane continuem.

## Referências

ALMEIDA, Julia Lopes de. **Os Porcos**. In: Ânsia Eterna. 2ª ed. Coleção Escritoras do Brasil, vol. II. Senado Federal, 2019.

ALMEIDA, Julia Lopes de. **O Caso de Ruth**. In: Ânsia Eterna. 2ª ed. Coleção Escritoras do Brasil, vol. II. Senado Federal, 2019.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

COUTINHO, Eduardo. **Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 3, ABRALIC, 1996. Disponível em:

<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/37/38>. Acesso em: 04 abr. 2024.

COUTINHO, Eduardo. **Literatura comparada: uma disciplina acadêmica**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 8, n. 8, ABRALIC, 2006. Disponível em:

<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/113/114>. Acesso em: 04 abr. 2024.

ELIANE POTIGUARA. Disponível em: <http://www.elianepotiguara.org.br/>. Acesso em: 04 abr. 2024.

LUCAS, Julia Kieling. **Para além do pesadelo: a procura por uma dramaturgia de terror no teatro**. In: XI Congresso da ABRACE. Anais XI Congresso da ABRACE, v. 21. UNICAMP, 2020. Disponível em:

<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/5449>. Acesso em: 04 abr. 2024.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

MUNDURUKU, Daniel. **A literatura indígena não é subalterna**. Conexões Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/a-literatura-indigena-nao-e-subalterna>. Acesso em: 05 abr. 2024.

NEGRO, Maurício (org.). **Nós: uma antologia de literatura indígena**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

NESTAREZ, Oscar Andrade Lourenção. **Uma história da Literatura de Horror no Brasil: fundamentos e autorias**. Banco de Tese da USP, São Paulo, 2022.

Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2022.tde-05102022-192221>. Acesso em: 05 abr. 2024.

POTIGUARA, Eliane. **Brasil**. In: Metade Cara, Metade Máscara. 3ª ed. Rio de Janeiro: Grumin Edições, 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCQUE, L. de L.; TEIXEIRA, L. A. **Frankenstein, de Mary Shelley e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 8, n. 1, p. 10-34, mar.-jun. 2001.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **Intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.

SILVA, Daniel Augusto P. **O estranho e o fantástico ultrarromânticos em Noite na taverna**. Revista Linguasagem, UFSCAR, 2015.

VIGANO, Samira de M. Maia; LAFFIN, Maria Hermínia L. F. **Mulheres, Políticas Públicas e Combate à violência de gênero**. História, v. 38, 2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1980-4369e2019054>. Acesso em: 05 abr. 2024.

Submetido em: 06/04/2024

Aceito em: 03/06/2024